

PSICOLOGIA E ECOLOGIA

A alma e a terra: reflexões sobre a relação entre psicologia e a natureza.

Autor: MADDI DAMIÃO JR.

Professor Associado da Universidade Federal Fluminense, Doutor em Psicologia - UFRJ

Como pode-se comprar ou vender o céu, o calor da terra? Tal ideia é estranha. Nós não somos donos da pureza do ar ou do brilho da água. Como pode então comprá-los de nós?

Decidimos apenas sobre as coisas do nosso tempo. Toda esta terra é sagrada para o meu povo. Cada folha reluzente, todas as praias de areia, cada véu de neblina nas florestas escuras, cada clareira e todos os insetos a zumbir são sagrados nas tradições e na crença do meu povo. (Carta do chefe Seattle ao presidente dos Estados Unidos Frances Pierce em 1855, diante da proposta da compra das terras ocupadas pelos Índios).

A proposta deste artigo é propor uma reflexão a partir de questões que giram em torno relação da psicologia, mais especificamente tal como proposta pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, em sua relação com a concepção de natureza, esta questão vem me acompanhando há algum tempo e agora surgiu a oportunidade de tentar sistematizar algumas ideias que surgiram ao longo destes anos. Estas reflexões são apenas algumas ideias iniciais e a tentativa de esclarecer algo que vem se colocando como questão ao longo de meus estudos da teoria junguiana. Para tentar tornar o texto o mais didático possível e apresentar o pensamento junguiano fiz uso de uma série de citações do próprio Jung, algumas extensas outras não, para que o leitor possa ter contato com as ideias que me inspiram no percurso desta reflexão. Após a descoberta do livro *“The Nature has a Soul”* (Sabini, 2007), uma compilação de referências tiradas da obra de Jung sobre o tema, vi que era viável caminhar nesta direção, segui, parcialmente, as referências e comentários realizados pela autora para fazer a apresentação deste trabalho da forma mais focada e didática possível. Espero que o leitor possa vislumbrar o

pensamento e a fala de Jung ao longo do texto e que este seja uma provocação para estudos posteriores, se sinta inspirado como fui pela percepção do todo que encontra-se presente em sua obra.

Palavras-chaves: Natureza, Psicologia, Alma

The purpose of this article is to propose a reflection based on questions that revolve around the relationship of psychology, more specifically as proposed by the Swiss psychiatrist Carl Gustav Jung, in his relationship with the conception of nature, this issue has been accompanying me for some time and now the opportunity has arisen to try to systematize some ideas that have emerged over the years. These reflections are just some initial ideas and the attempt to clarify something that has been posing itself as an issue throughout my studies of Jungian theory. In order to try to make the text as didactic as possible and present Jungian thought, I used a series of quotations from Jung himself, some not extensive, so that the reader can have contact with the ideas that inspire me in the course of this reflection. After discovering the book “The Nature has a Soul” (Sabini, 2007), a compilation of references taken from Jung's work on the theme, I saw that it was feasible to move in this direction, I partially followed the references and comments made by the author to present this work in the most focused and didactic way possible. I hope that the reader can glimpse Jung's thought and speech throughout the text and that this is a provocation for further studies, feel inspired as I was by the perception of the whole that is present in his work.

Keywords: Nature, Psychology, Soul

I.

Em princípio é necessário esclarecer o que entendemos por natureza, pois este termo pode fazer referência a uma diversidade de conceitos dado seu grande horizonte semântico. Porém, para que entendamos minimamente a noção de natureza, como pretendo tematizar precisamos nos aproximar do que C. G. Jung diz sobre a relação entre psique e mundo, a etiologia da consciência e categorias de base da teoria junguiana, tais quais arquétipo e psicóide.

Ao consultar o índice geral das obras completas de Jung observa-se que existem apenas onze referências feitas à noção de psicóide e a arquétipo como psicóide. Estas referências giram em torno de 1946, época em que publica “Psicologia e Alquimia” (1943/1945), livro que é

Página 117 de 268

formado pelas referências aos sonhos de físico Wolfgang Pauli, e escreve um ensaio sobre eventos não causais, Sincronicidade, o qual publica juntamente com um ensaio de Pauli sobre arquétipos. A ausência de mais referências à essa noção pode ser interpretada devido à sua própria complexidade, pois trata-se de uma categoria limítrofe, que coloca em desafio o uso dos significantes disponíveis para descrever esta dimensão da organização da realidade, indica os limites da linguagem conceitual e a radicalidade das intuições de Jung, que apontam para uma concepção de mundo e de homem não dicotômicas.

A noção de psicóide torna-se de suma importância para a compreensão da estrutura do inconsciente que Jung tenta descrever, o Inconsciente Coletivo, assim como para a apreensão do da não dissociabilidade entre natureza e psiquismo, ou alma e mundo.

O inconsciente coletivo é qualquer coisa menos um sistema pessoal encapsulado; ele é objetividade absoluta, tão amplo como o mundo e abre para todo o mundo. Nele eu sou o objeto de toda subjetividade, em completa oposição de minha consciência ordinária, onde sou o sujeito que possui um objeto. Lá eu sou completamente um com o mundo, do mesmo modo uma parte dele, de forma que o eu esquece muito facilmente quem eu realmente sou... (Jung, 1971a, p. 46).

Pode-se observar, também, a inexistência da tematização da noção de psicóide pelos seus comentadores e naqueles que lhe seguem. Ao longo de aproximadamente quarenta anos, porém, nenhum trabalho que tematiza de forma consistente e a partir de suas bases epistemológicas esta noção central da obra de Jung, porém muito se tem utilizado como conceito instrumental, ou seja, operacionalmente, para se tratar da questão corpo e mente ou de temas como psicossomática.

O “inconsciente coletivo” é uma realidade “psicóide” afirma Jung (1952), uma qualidade que escapa a qualquer possibilidade representativa, indicando uma dimensão da experiência onde não se distingue o físico do psíquico — *Pleroma* seria uma forma pela qual os gnósticos nomeiam esta ideia. Podemos dizer que com esta ideia de “psicóide”, que Jung compara com a teoria da física quântica sobre os *fótons*, ele procura romper com a dicotomia entre interno e externo — indicando modos de realização de uma realidade mais originária. Tal

como os físicos que criaram a imagem de *fóton* para descrever a natureza da luz, descrita ora como partícula, ora como onda, Jung criará a imagem de “psicóide” para descrever o inconsciente coletivo como algo que ora se dá como psíquico, ora como físico.

‘As camadas’ mais profundas da psique perdem sua unidade individual à medida em que elas se retiram cada vez mais em direção à escuridão. ‘Cada vez mais baixo’, isto quer dizer, à medida que elas se aproximam dos sistemas funcionais autônomos tornam-se incrivelmente coletivas, até que são universalizadas e se extinguem na materialidade do corpo, isto é, nas substâncias químicas. O carbono do corpo é simplesmente carbono. Uma vez ‘no fundo’ a psique é simplesmente ‘mundo’. Neste sentido eu sustento que Kereniy está absolutamente correto quando diz que no símbolo o próprio mundo está falando. (Jung, 1971b, p. 173)

O arquétipo psicóide disponibiliza a conexão entre corpo e psique — arquétipos e instintos. E da mesma forma se pode falar em uma correspondência entre o corpo e a estrutura do eu. O mistério do organismo vivo estaria ou do instinto, como faz referência Jung, em um dos pólos de realização do processo psicóide. No outro pólo o “mesmo mistério” é expresso na forma de representações, ideias, fantasias, etc... Os dois pólos seriam interligados, formando dois aspectos da mesma realidade — o arquétipo psicóide. Ou seja, não há solução de continuidade entre o físico e o psíquico, ou entre natureza e pensamento.

A diferença entre instintos e arquétipos se daria em suas manifestações e determinações, os instintos são representados pelo comportamento do corpo, o fora, e os arquétipos representados por uma “forma mental de tomada de consciência” similar em todos os seres humanos. A realidade física e corpórea, o que vemos como o lado de fora, enquanto as imagens — ideias e fantasias oníricas e imagens — são o que observamos de dentro. Duas formas de manifestação do mesmo processo.

Ao usar o termo psicóide, diz entendê-lo como “*o princípio condutor, o determinante das reações, a potência prospectiva do elemento germinal*” (Jung: 1981b). É o agente elementar descoberto na ação, a “enteléquia” da ação real — princípio gerador de sentido. Continua explicando esta noção, diz que o conceito encontrado na história do pensamento é mais filosófico do que científico. Porém Bleuler, ao invés, usa a expressão “psicóide” como

termo coletivo, para designar sobretudo processos subcorticais que se acham relacionados biologicamente com “funções de adaptação”. Entre estas, Bleuler enumera o reflexo e o desenvolvimento da espécie. Ele define-a como segue: “O psicóide é a soma de todas as funções mnésicas do corpo e do sistema nervoso, orientadas para um fim e destinadas à conservação da vida (com exceção daquelas funções corticais que estamos sempre acostumados a considerar como psíquicas)”. Em outra passagem ele descreve:

A psique corporal do indivíduo e a filopsique juntas formam uma unidade que podemos muito bem empregar no presente trabalho, designando-a pelo termo de psicóide. Comum ao psicóide e à psique... são o conação e o emprego de experiências anteriores... para alcançar o alvo, o que inclui a memória (engrafia e euforia) e a associação, ou seja, algo de análogo ao pensamento. (Jung: 1981a, p.151)

Embora seja claro o que Jung entenda por psicóide na prática esse termo se confunde com psique, como nos mostra a passagem acima citada. Por isto, não se entende por estas funções subcorticais a que se refere o termo em questão devam ser classificados de “semipsíquicas”. A confusão provém evidentemente da concepção organicista observável em Bleuler, e que opera com conceitos tais como “alma cortical” e “alma medular”, mostrando uma tendência muito clara de derivar as funções psíquicas correspondentes destas partes do cérebro, embora seja sempre a função que crie seu próprio órgão, o conserve e o modifique. A concepção “organológica” tem a desvantagem de considerar todas as atividades da matéria ligadas a um fim como “psíquicas”, tendo como consequência o fato de que “vida” e “psique” se equiparam como mostra, por exemplo, o emprego que Bleuler faz dos termos “filopsique” e “reflexos”. É certamente muito difícil, senão impossível, conceber uma função psíquica independentemente de seu próprio órgão, embora, na realidade, experimentemos o processo psíquico sem sua relação com o substrato orgânico. Mas para o psicólogo é justamente a totalidade destas experiências que constitui o objeto de sua investigação, e, por esta razão, deve abandonar uma terminologia tomada de empréstimo à anatomia.

Porém se Jung utiliza-se do termo “psicóide”, o faz de três maneiras: a primeira é que emprega esta palavra como *adjetivo* e não como substantivo; a segunda é que ela não denota uma qualidade anímica ou psíquica em sentido próprio, mas uma qualidade quase *psíquica*, e a terceira é que esse termo tem como função distinguir uma determinada categoria de fatos dos meros fenômenos vitais, por uma parte, e dos processos *psíquicos* em sentido próprio, por

outra. Esta última distinção nos obriga também a definir com mais precisão a natureza e a extensão do psíquico, e de modo todo particular do “*psiquismo inconsciente*” (Jung: 1981a, p.115).

Da mesma forma que a alma se perde, em seu substrato orgânico e material, em seu domínio interior, assim também se transmite em uma forma “espiritual” cuja natureza nos é tão pouco conhecida, quanto a base orgânica dos instintos... Onde predomina o instinto, começam os processos psicóides que pertencem à esfera do inconsciente como elementos capazes de atingirem o nível da consciência. O processo psicóide, pelo contrário, não se identifica com o inconsciente em si, porque este último tem uma extensão consideravelmente maior. Além dos processos psicóides, existem no inconsciente representações e atos volitivos, ou seja, algo parecido com os processos conscientes; mas na esfera dos instintos estes fenômenos se retiram tão profundamente para os desvãos da psique, que o termo “psicóide” provavelmente se justifica... (Jung: 1981, p. 122)

Para Jung a psique e a matéria estão encerradas em um só e mesmo mundo se acham permanentemente em uma relação indissociável entre si, em última análise, se assentam em fatores transcendentais e irrepresentáveis, matéria e psique são dois aspectos diferentes de uma só e mesma realidade. Os fenômenos da sincronicidade, ao que parece, apontam nesta direção, porque nos mostram que o não-psíquico pode se comportar como psíquico, e vice-versa, sem a presença de um nexos causal entre eles (Jung:1946). E observa que “*nossos conhecimentos atuais, porém, não nos permitem senão comparar a relação entre o mundo psíquico e o mundo material a dois cones cujos vértices se tocam e não se tocam em um ponto sem extensão, verdadeiro ponto zero*” (ibidem, p. 151).

Os fenômenos arquetípicos podem ser vistos como meramente psíquicos, constituindo a subjetividade psíquica. Porém, a natureza psicóide do arquétipo aqui sugerida — sua materialidade — não está em contradição com as formulações anteriores de Jung. Pois como ele diz, considera ser um grau a mais na clareza

Boletim Interfaces da Psicologia da UFRRJ - ISSN 1983-5507 v. 4, nº. 1, Janeiro - Junho de 2011

Perspectivas da Psicologia Junguiana no Século XXI

conceitual e descritiva que se torna inevitável desde o momento em que se vê obrigado a executar uma análise mais geral da natureza da psique e a clarificar os conceitos empíricos referentes a ela e às relações que há entre esses conceitos.

Da mesma forma como o “infravermelho psíquico”, isto é, a psique biológica instintiva, se resolve gradualmente nos processos fisiológicos do organismo, ou seja, no sistema de suas condicionantes químicas e físicas, assim também o “ultravioleta psíquico, o arquétipo, denota um campo que não apresenta nenhuma das peculiaridades do fisiológico, mas que no fundo não pode ser mais considerado como psíquico, embora se manifeste psiquicamente. Os processos fisiológicos, porém, se comportam também desta maneira, mas nem por isto são

Classificados como psíquicos. Embora haja uma forma de existência que nos foi transmitida por via meramente psíquica, todavia, não podemos dizer que tudo seja exclusivamente psíquico. Devemos aplicar este argumento, logicamente, também aos arquétipos. Como, porém, não temos consciência de sua natureza essencial e, não obstante, eles são experimentados como agentes espontâneos, é quase certo que não temos outra alternativa senão a de definir sua natureza como “espírito”, com base em seu efeito mais importante, e isto precisamente naquele sentido que procurei definir em meu ensaio sobre a fenomenologia do

espírito. Sendo assim, sua posição estaria situada para além dos limites da esfera psíquica, analogamente à posição do instinto fisiológico que tem suas raízes no organismo material e com sua natureza psicóide constitui a ponte de passagem à matéria em geral. Na representação arquetípica e na percepção instintiva o espírito e matéria se defrontam no plano psíquico. Tanto a matéria como o espírito aparecem na esfera psíquica como qualidades que caracterizam conteúdos conscientes. Ambos são transcendentais, isto é, irrepresentáveis em sua natureza, dado que a psique e seus conteúdos são a única realidade que nos é dada sem intermediário. (Jung: 1981b, p.153)

II.

Para a Jung o “complexo do eu”, ou a consciência, emerge do inconsciente coletivo e este seria uma matriz originária a partir da qual o sujeito psicológico e a psique seriam

produzidos. Esta perspectiva pode ser identificada na concepção da divisão do inconsciente em duas instâncias estruturantes do psiquismo, o pessoal e o coletivo. Este seria filogenético, impessoal e teria sua origem identificada com a própria origem da vida, o que faria que em última instância o inconsciente coletivo e tenha seus fundamentos numa dimensão cosmológica, ou seja, somos formados pelo carbono das estrelas que um dia morreram, tornaram-se supernovas e explodiram, disseminando moléculas de carbono pelo universo. Existe, em última instância, uma relação de solidariedade entre nós, seres vivos, que caminhamos e respiramos sobre a Terra e as estrelas, e esta solidariedade pode ser vislumbrada por nós através da ideia de inconsciente coletivo, tal como tematizada por Jung. Já o inconsciente pessoal é da ordem do ontogenético, do desenvolvimento do indivíduo e participa de um contexto histórico e cultural dados no tempo e no espaço, diferente do inconsciente coletivo, este se constituiria a partir de uma novela familiar, através dos complexos, organizando-se como uma estrutura delimitadora de realidade. Como diz Jung em Resposta a Job, o homem é criador e criatura, cria mundo e é criado pelo mundo, numa relação de interdependência e co-determinação, que é rompida a partir do surgimento da linguagem proposicional e da crença na autonomia da razão.

No texto “A Estrutura da Psique”, Jung tenta dar uma visão geral do que entende por inconsciente. Diz que seus conteúdos, os arquétipos, são de certa forma os fundamentos da psique inconsciente, ou seja, falar em inconsciente coletivo é referir-se aos arquétipos que formam sua base de organização. Porém, diz que estas raízes encontram-se afundadas não só na terra, mas no mundo em geral. O arquétipo seria uma forma de descrever fenômenos psíquicos a partir de uma perspectiva do sujeito enquanto natureza seria a forma de descrição dos mesmos fenômenos, porém a partir do ponto de vista do objeto, isto é, externo.

Esta concepção insere a teoria junguiana da criação da consciência em uma perspectiva emergentista, ou seja, há um processo de diferenciação e organização que se dá a partir de uma base que se mantém como condição de possibilidade para que estes processos de organização se perpetuem eficazmente. Há um processo de diferenciação contínua que se funda em um horizonte irrepresentável, o que nomeia por inconsciente coletivo. A perspectiva emergentista irá descrever o processo de criação da consciência como a organização de uma rede ou de uma forma, ou seja, como um complexo, que se materializa na medida em que organiza-se como uma estrutura, porém a estrutura não é o a priori ou a base a partir da qual a organização e diferenciação dá-se, mas ao contrário, a base é a potencia criadora invisível e inominável a

partir da qual por variações e sínteses contínuas uma estrutura se faz presente e desta forma pode ser identificada como uma unidade particular. Desta forma os complexos e mais propriamente o complexo do eu formam-se a partir da base arquetípica que para Jung é vazia de representação, ou seja, uma categoria limite do pensamento e da conceitualidade. O que pode ser apreendido quando descreve o que entende por inconsciente em sua relação com a natureza. Diz, que do inconsciente não se pode determinar nada, mas que é o desconhecido “que nos afeta”. Algo que manifesta-se como de natureza psíquica, porém cuja verdadeira realidade sabemos tão pouco ou tanto quanto sobre a própria natureza da matéria.

Jung descreve o desenvolvimento da consciência como “um processo vagaroso e laborioso que tomou épocas para alcançar o estado civilizado (o qual nós datamos arbitrariamente a partir da invenção da escrita há aproximadamente 4.000 anos A C).” Porém, apesar do desenvolvimento ser considerável ainda está longe de se completar, como diz, “... Indefinidamente grandes áreas da mente ainda permanecem na escuridão...” A consciência para Jung é uma aquisição extremamente frágil e recente, encontrando-se em um estado “experimental” e ameaçada por perigos diversos. Por este motivo gasta-se tanta energia em sua manutenção e continuidade, da forma que seja, ao evitar-se conflitos ou firmar-se na crença da supremacia da razão em detrimento do imaginário.

A natureza ou o que denomina “a vida natural” seria o “solo nutridor da alma” e qualquer um ou qualquer cultura que falhe em se dispor em correspondência com a vida permanece suspenso, pairando no ar, torna-se, desta forma, rígido e petrificado. Por isto considera que tantas pessoas fiquem grosseiras e indelicadas na velhice, pois olham para traz e dobram-se em direção ao passado com medo da morte que as assombra. Se retiram do processo da vida, permanecem presos ao passado, com vívidas lembranças, mas sem qualquer relação viva com o presente. Desta forma a relação com a natureza é a fonte a partir da qual a vida vigora como criação e renovação e o voltar-se a terra é dispor-se a força de criação da vida. Qualquer um que falhe em se dispor a vida permanece suspenso, duro e rígido no meio do ar. É por isto que tanta gente fica grosseira na velhice; olha para traz e dobra-se para o passado com um medo secreto da morte no coração.

Ao fim de Memórias, Sonhos e Reflexões, quando escreve suas últimas reflexões, afirma que as profundezas da psique é natureza, não há distinção entre ambas, e a natureza é

vida criativa. A natureza tem a força para destruir o que ela própria construiu, mesmo que reconstrua novamente. E segue dizendo que, qualquer que seja o valor no mundo visível que é destruído no mundo moderno pelo relativismo a psique irá produzir seu equivalente. Em um primeiro momento não podemos ver além o caminho que conduz abaixo para “as coisas odiosas e escuras”, porém nenhuma luz ou beleza virá do homem não possa sustentar esta visão, ou seja, que consiga suportar consciente a tensão dos opostos e sustentar o conflito. Como diz Jung (1964), a luz surge das trevas, e o sol não nasce nos céus para satisfazer a ânsia do homem ou apaziguar seus medos.

Grandes inovações nunca vêm de cima; elas vêm invariavelmente de baixo; assim como as árvores não crescem do céu para a terra, mas para cima a partir da terra, de qualquer maneira é verdade que suas sementes caíram de cima. A elevação de nosso mundo e a elevação de nossa consciência são uma e a mesma. (Jung, 1964, p. 87)

Porém em nosso tempo, o intelecto que está produzindo a “escuridão”, porque nós o deixamos tomar tão grande espaço e ele assumiu a primazia do discurso sobre o mundo. A consciência por suas propriedades específicas atua a partir da discriminação, do juízo e da análise enfatizando as contradições e tudo aquilo que produza discrimina, julga, analisa e enfatiza as contradições com o propósito de dissolvê-los e eliminá-los. Para a consciência é necessário a concentração e o trabalho sobre um ponto específico, mas a análise mata e a síntese traz a vida. Para Jung (MacGuirre e Hull, 1982, p. 209) nossa tarefa consiste em encontrar como trazer as coisas de volta a suas conexões com as outras coisas, ou seja, trabalhar a partir da percepção de uma unidade da experiência e na integração entre natureza e cultura. A gênese dos transtornos pelos quais passa uma cultura e os indivíduos que a compõem, se encontra na cisão da relação entre homem e mundo, intelecto e natureza, que são tomados como pólos antagônicos e excludentes de realidades que se contrapõem. Deve-se resistir ao intelectualismo, a hipertrofia da razão, e nos abirmos ao mistério do mundo.

Para ele é certo que a psique original não possui nenhuma consciência de si mesma, não possui consciência reflexiva. Isto surge no curso do desenvolvimento, desenvolvimento que funda-se, na sua maior parte, na época histórica. É mesmo provável, em vista de suas possibilidades, para futura diferenciação, que nossa consciência moderna ainda está em um

nível relativamente baixo de reflexão. Entretanto, seu desenvolvimento até agora fez com que emancipasse o suficiente para esquecer sua dependência da psique inconsciente. Somos orgulhosos desta emancipação, porém para escaparmos do inconsciente nos tornamos “vítimas” dos próprios conceitos verbais, somos dependentes das palavras e pensamento conceitual. Diz que, como consequência, o avanço do homem em direção ao Logos foi uma grande realização, mas devemos pagar um preço por isto, que é a perda do instinto e a perda da realidade na medida em que permanece a “primitiva” dependência das palavras. Podemos dizer com isto que linguagem de Jung torna-se imagética na busca desta “primitividade”, ou seja, da linguagem intuitiva, imediata, que se dá através da experiência sem mediação do pensamento conceitual. A crítica que irá fazer a linguagem conceitual, encontramos quando diz que não trabalha com modelos semióticos, ou seja, com uma concepção de linguagem representacional e afirma ser a metáfora a forma mais “objetiva” de descrever os processos inconscientes.

A ruptura da ligação com o inconsciente e nossa submissão a tirania das palavras têm uma grande desvantagem: a mente consciente torna-se mais e mais vítima de sua própria atividade discriminativa, o retrato que temos da realidade foi-se partido em inumeráveis particulares, e o sentimento original de unidade, o que nós integralmente conectamos com a unidade da psique inconsciente, é perdida. Este sentimento de unidade, na forma de uma teoria correspondente e a simpatia entre todas as coisas, dominou a filosofia até princípios do século XVII e é hoje, após um longo período de esquecimento, assomando no horizonte científico, graças às descobertas feitas pela psicologia do inconsciente e pela parapsicologia. (Jung in Adler et Jaffe, 1991, p. 580)

Diz, como consequência, ser possível que nós olhemos para o mundo do lado errado e que poderemos encontrar a resposta certa mudando nosso ponto de vista, isto é, olhando para o mundo de outra perspectiva, a partir do lado de dentro. Parece que foi esta a intenção de Jung ao longo de toda sua obra, a tentativa de nos situar do ponto de vista do inconsciente para que olhemos a história do homem e da vida a partir da perspectiva do todo. Para tal faz-se necessário a aprendizagem da linguagem do inconsciente, que se manifesta nos sonhos, fantasias, arte e mitos, e na medida em que aprendemos a linguagem dos símbolos e das imagens estaremos nos aproximando e posicionando de forma a estarmos disponíveis a ela. Temos algumas questões que são postas aqui, uma delas é o problema da linguagem, a qual será tematizada em diversas oportunidades por Jung, e que trataremos a seguir.

A razão humana criou um novo mundo que crê dominar a natureza, e o habitou com “máquinas monstruosas”. Estas são tão indubitavelmente úteis e necessárias que não podemos mesmo ver a possibilidade a possibilidade de nos livrarmos delas ou de nossa “odiosa subserviência” a elas. O homem vê-se obrigado a seguir os caminhos de sua mente inventiva e científica e a admirar a si próprio por suas realizações esplêndidas. Ao mesmo tempo, ele não pode ter ajuda para admitir que seu gênio mostra uma inquietante tendência para inventar coisas que tornam-se cada vez mais e mais perigosas, porque representam cada vez melhor meios para um “suicídio indiscriminado”.

A consequência mais revolucionária do processo evolutivo a aquisição da linguagem sintática traz este fado da cultura, tal como encontramos descrito por Konrad Lorenz (Os fundamentos da Etologia. São Paulo: Unesp, 1995), uma cultura exigiria em demasia dos recursos genéticos disponíveis nos organismos que a compõem, acarretando o seu próprio desaparecimento. A linguagem conceitual e proposicional que torna possível o surgimento da cultura e a aceleração do desenvolvimento da espécie faz com que seja produzida uma separação dos processos fisiológicos e naturais de tal forma que aquilo que caracteriza o que o homem tem de mais próprio, a linguagem e a cultura oriunda desta, traz em seu bojo sua extinção. O armazenamento de conhecimento, acumulado como bagagem cultural, torna-se uma possessão coletiva de uma sociedade, o que traz uma ligação inequívoca entre os seres humanos, que não possui precedentes entre os outros animais.

A consequência mais revolucionária do acúmulo de informação foi uma aceleração geométrica do processo evolutivo. As ciências humanas não reconhecem este processo como evolução, mas como história. Devido ao fato de os processos fundamentais da evolução, baseados em modificações genéticas, não serem acelerados pela invenção do pensamento conceitual, os dois processos, ainda que não independentes um do outro, tendem a divergir. Essa divergência pode, por si mesma, explicar porque, (...), as culturas regularmente se desintegram uma vez atingido um certo grau de diferenciação. (Lorenz, 1995, p.438)

A partir desta hipertrofia da consciência e da fixação na linguagem sintática criou-se a

crença numa independência em relação à natureza e em seu domínio, independência esta que fixa o homem em uma dimensão ilusória e fictícia de si e do mundo, pois isolado da vida e da totalidade da experiência que vigoram como condição para sua existência. A fixação nas ideologias e nos sistemas de pensamento, assim como as religiões cristãs tornaram o homem mais distanciado da natureza, a ideia de um mundo suprassensível ou de uma ascensão do homem em direção a um deus que habita na realidade celeste somente contribuiu para este isolamento do homem em um modo de existir isolado e fragmentado. Este processo iniciou-se no renascimento, com o iluminismo cartesiano representando o ápice desta nova visão de mundo. Mesmo os sistemas religiosos ou científicos são desprovidos de recursos ou condições para nos auxiliar. Como diz Jung,

Não existe mais nenhum deus que possamos invocar para nos ajudar. As grandes religiões do mundo sofrem de uma anemia crescente, porque o número útil retirou-se das matas, dos rios, das montanhas, dos animais, e o Deus homem desapareceu em direção ao subterrâneo no inconsciente. Lá supomos que ele leve uma vida ignominiosa entre as relíquias de nosso passado, enquanto permanecemos dominados pela grande Déesse Raison, que é nossa esmagadora ilusão. Com sua ajuda nós estamos fazendo coisas louváveis: nós livramos o mundo da malária, espalhamos a higiene por todos os lados, com o resultado que a população dos sub-desenvolvidos cresça em tal escala que a comida está tornando-se um problema. “Nós conquistamos a natureza” é um mero slogan. Em realidade nós somos confrontados com questões ansiosas, as respostas para as quais não se encontram a vista em parte alguma. A assim chamada conquista da natureza nos oprime com o fato da superpopulação e torna nossos problemas mais ou menos intratável por causa de nossa incapacidade psicológica de alcançarmos acordos políticos. Torna-se bastante natural para os homens disputar e lutar por superioridade uns sobre os outros. Onde realmente “conquistamos” a natureza? (Jung apud Sabini, 2007, p.123)

III.

Algumas consequências podemos tirar da teoria junguiana no tocante copertinência entre psique e natureza, estas consequências serão importantes para compreendermos o paradigma no qual se insere a teoria junguiana, assim como, para compreendermos os seus pressupostos epistemológicos. Estas consequências trazem implicações tanto para a prática clínica quanto no que diz respeito às questões éticas implicadas no desenvolvimento da

personalidade e da consciência. Isto é, a percepção de um pertencimento no mundo e de uma continuidade entre homem e mundo, o reconhecimento do homem como criatura leva a um redimensionamento da cosmovisão que irá se refletir no modo de compreender e lidar com as situações diante das quais nos encontramos solicitados a nos posicionar de forma consequente e nos implicarmos a buscar uma resposta.

Gostaria de tratar, primeiramente, a questão da linguagem e do conhecimento, tal como Jung aborda na conferência (JUNG, Carl Gustav. A divergência entre Freud e Jung 1929 in *Freud e a Psicanálise*. Petrópolis: Vozes, 1989 volume IV das Obras Completas) redigida como um pequeno texto de seis páginas que concentra de forma vigorosa os pressupostos teóricos de toda a psicologia junguiana. Nele o autor estabelece os critérios que fazem da psicologia junguiana uma perspectiva singular e autônoma em relação à psicanálise. Nele também encontramos as ideias centrais que organizam seus pressupostos, ou seja, as bases epistêmicas para compreendermos os fundamentos da teoria junguiana.

Inicia o texto refletindo sobre a indissociabilidade entre sujeito e objeto do conhecimento, para ele todo conhecimento é sempre uma interpretação, pois há uma relação de interdependência entre homem e mundo que descreve como realidade psíquica. A realidade sempre se dá como uma experiência psíquica, não por ser interpretada ou absorvida por um sujeito independente desta, mas porque a consciência que conhece, o sujeito do conhecimento emerge da natureza, do inconsciente, ele é aquele que conhece, mas também é produto do que ele conhece, o modo de conhecer é produzido por uma realidade psíquica a partir da qual ele é formado. Não há um ponto de referência externo no qual possa se apoiar para conhecer o mundo objetivamente, sem que haja interferência do psiquismo sobre o que é conhecido. Como consequência a melhor linguagem para descrever os processos psíquicos é a metáfora, o “como se”, afirma Jung, a linguagem mais rigorosa e que melhor corresponde a experiência do inconsciente é a denotativa, aquele que sugere e inspira, não fechando a experiência e a vida em categorias e esquemas pré-estabelecidos e fechados. Por isto a linguagem dos artistas, dos poetas e dos místicos torna-se aquela que mais preserva o vigor da experiência do inconsciente, da relação com a natureza e a vida, pois preservar seu mistério e a abertura para que a vida possa dar-se em seu vigor criativo, como um processo de diálogo e confronto pelo outro, levando a transformação.

Esclarece o que diz sobre a questão da linguagem e do conhecimento ao afirmar que no tocante à psicologia considera mais apropriado renunciarmos a ideia de que se possa fazer afirmações "verdadeiras ou corretas sobre a essência da psique". O melhor que se consegue fazer são "expressões verdadeiras". Entendo por expressões verdadeiras uma confissão e uma apresentação detalhada do que se observa subjetivamente. Alguém colocará ênfase especial na forma do que encontrou e se arvorará em autor do seu achado, outro dará mais importância à observação e falará daquilo que se manifesta, valorizando sua atitude receptiva. A verdade estará provavelmente entre ambos: a verdadeira expressão é a que dá forma à observação, a experiência encontra-se fundada como uma narrativa, uma história que se conta e que adquire validade quanto mais coerência possuir para aquela que a constrói.

Do ponto de vista antropológico e subjetivo esta relação com a natureza será entendida como a relação com o próprio inconsciente, que ele irá personificar através da imagem do "Grande Homem", ou do homem de dois milhões de anos. Estas metáforas são formas de dispor a consciência e o eu em uma relação de diálogo e disponíveis a serem confrontados pelo outro, seja objetivamente na forma da natureza ou subjetivamente como o inconsciente. Através de diálogo e confronto o processo de desenvolvimento da personalidade e transformação da personalidade como um todo se dará. Descreve a análise desta forma Jung como:

Uma longa discussão com o Grande Homem – uma ininteligente tentativa de compreendê-lo. Entretanto, é uma tentativa, como ambos, paciente e analista entendem isto. Trabalhe até que o paciente possa ver isto. Se, o Grande Homem, possa colocar de um golpe uma face inteiramente diferente sobre a coisa – ou qualquer coisa pode acontecer. Desta forma você aprende sobre a inteligência peculiar da experiência de funda; você aprende a natureza do Grande Homem. Você aprende sobre você mesmo diante o Grande Homem – diante seus postulados.

Este é o caminho através das coisas, coisas que parecem desesperadoras e sem respostas. O ponto é, como irá você mesmo responder a isto? Aí encontra-se sozinho, como deve ser, com a mais alta distinção ética. Ética não é convenção; ética está entre eu-mesmo e o Grande Homem. Durante este processo, você aprende sobre ética versus moralidade. O inconsciente dá a você esta virada singular que torna o caminho possível. (Jung apud MaGuire et Hull, 1982, p. 216)

O que implica em uma nova forma de conduta que descreve como uma ética não convencional que surge. Esta a partir de então deverá ser singular, própria, porque implicada na experiência singular do confronto com o “Grande Homem”, como um processo que se atualiza continuamente e faz com que aquele que passe por esta experiência seja implicado de forma radical em sua própria experiência. Isto leva a uma diferenciação da consciência coletiva e um sentimento de isolamento, pois de impedimento em partilhar das experiências coletivas de forma massificada e indiferenciada. Jung compara isto com o caminho do “Zen” (MacGuire et Hull, 1982), com um caminho inefável, como “uma faca afiada”, uma serpente sinuosa, e se necessita de fé, coragem e honestidade e paciência para se percorrer este caminho de integração com a natureza e consigo próprio. Porém, trata-se de um caminho de “fidelidade a própria lei” (Jung, 1986).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADLER, G. et JAFFE, A. org. **C. G. Jung Letters 1951-1961**. New Jersey: Princeton University Press, 1991, 2ª ed.

JUNG, C. G. (1916) **O eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1981a. _____

(1917) **Psicologia do Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1981b. _____ (1921)

Tipos Psicológicos. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976. _____ (1931) **As**

etapas da vida humana. Petrópolis: Vozes, 1991. _____ (1932) **Da**

formação da personalidade. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____ (1936/37) **The concept of the collective unconscious**. C.W. IXI Princeton University Press, Princeton, 1971a.

_____ (1940) **The psychology of the child archetype**. Princeton: Princeton University Press, 1971.

_____ (1943) **Psychologie et Alchimie**. Paris: Buchet/Chastel, 1970.

_____ (1954) **Archetypes of the Collective Unconscious**. Princeton University Press, Princeton, 1971.